

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**Silvéria Nunes Anjos**

registada em 2008-09-11  
por

Hugo Pereira e Joana Ribeiro



## Silvéria Nunes Anjos

Silvéria Nunes Anjos nasceu no Monte Frio, a 20 de Fevereiro de 1926. O pai era Alfredo Nunes e a mãe era Maria dos Anjos Henriques. O pai andou a vender na Beira Baixa, tinha o negócio das especiarias no Inverno, nas matanças dos porcos. No Verão, fazia feiras e vendia colheres de pau, fusos e foices de ceifar a erva. Empregava-se na agricultura e na aldeia era pedreiro. Aos 7 anos entrou na escola e fez até à terceira classe. Ainda não tinha a idade de sair da escola, já ajudava a mãe a guardar os animais, a ir à lenha e ao mato. Aos 17 anos foi para o minério, nas Minas da Panasqueira, durante dois anos. Foi a Lisboa fazer 20 anos, a vender fruta, na venda da rua. Depois foi para porteira. Mais tarde, junto com o marido tomou conta de uma frutaria. O marido conheceu-o na aldeia, eram vizinhos. Foi no baile que começaram o namoro. “O dia do casamento foi uma festa muito grande.” A cerimónia foi em Agosto, na capela do Monte Frio e a festa em casa dos sogros. Depois do casamento o marido regressou a Lisboa. Em Fevereiro Silvéria foi ter com ele. Foi lá que nasceram os filhos de ambos. Aos 52 anos regressou para Monte Frio.

# Índice

|                                                                   |    |
|-------------------------------------------------------------------|----|
| Identificação Silvéria Nunes Anjos.....                           | 4  |
| Ascendência "Eram amigos uns dos outros, eram como famílias"..... | 4  |
| Casa "As paredes da casa foram feitas pelo meu pai".....          | 7  |
| Infância "Havia muita criança na aldeia".....                     | 7  |
| Educação "Não podia haver tanto aluno na escola".....             | 8  |
| Religião "Descalços até à Benfeita".....                          | 10 |
| Namoro "Não havia muitos peditórios de namoro".....               | 11 |
| Casamento "Fui de branco e merecido".....                         | 12 |
| Descendência "Tive a minha filha em casa".....                    | 14 |
| Percurso profissional Da Barroca Grande à Avenida de Roma.....    | 15 |
| Lugar "Era assim no nosso tempo".....                             | 22 |
| Costumes Tradições do Monte Frio.....                             | 23 |
| Quotidiano "Fomos sempre um casal muito unido".....               | 25 |
| Sonhos "Sonho era a minha neta casada".....                       | 26 |
| Avaliação "É sempre bom saber uma historiazinha".....             | 27 |

## **Identificação *Silvéria Nunes Anjos***

Sou a Silvéria Nunes Anjos, nascida no Monte Frio, a 20 de Fevereiro de 1926.



**Silvéria Nunes Anjos, com cerca de 32 anos (Lisboa)**

## **Ascendência "*Eram amigos uns dos outros, eram como famílias*"**

Lembro-me muito bem dos meus pais. O meu pai era Alfredo Nunes. Era de Porto Castanheiro, freguesia da Teixeira. A minha mãe era Maria dos Anjos Henriques. Era de Monte Frio. Conheceram-se por intermédio do meu avô, Manuel Henriques, que era o pai da minha mãe. Andava na Beira Baixa com um negociozinho das especiarias dos enchidos. O meu avô da parte do meu pai também andava com o mesmo negócio nas mesmas terras. E, então, eram amigos

uns dos outros, eram como famílias. Visitavam-se. E foi por aí, com certeza, que eles se conheceram.



**Alfredo Nunes, pai de Silvéria Nunes Anjos (Monte Frio, 1978)**

### **Um negócio de família**

O meu pai também andou a vender na Beira Baixa. Aquele negócio das especiarias era só no Inverno, nas matanças dos porcos. Tinha um conhecimentozinho, já do tempo do meu avô. Aquilo já vinha de descendências, de pais para filhos. Telefonava para Lisboa, para os armazéns onde vendiam os fardos da tripa, colorau, pimenta e todas as especiarias que eram precisas para os enchidos e, então, despachavam-lhe os fardos para a Beira Baixa, porque ainda não havia estrada para o Monte Frio. Mas, às vezes, vinha para a aldeia também um fardo de tripa, lá não sei como. Depois, carregava o burrito com as outras coisas e levava os condutozinhos num saco. Era um bocadinho de presunto, um bocadinho de chouriço, o queijo... Para ser mais barato, comiam só uma sopinha e dormiam numa pensãozita de pessoas amigas, muito antigas. Vendia naquelas quintas da Beira Baixa, nas cidades e nas aldeias. Mas não pagavam nessa altura! Só no fim de essa gente apanhar o azeite, que vendiam depois, é que o meu pai tinha que ir receber o dinheiro, porque na altura não havia dinheiro para pagar.

No Verão, às vezes, quando não havia trabalho, ainda saía. Ia fazer umas feiritas à Covilhã, que é todos os oitos dias, à Feira de São Mateus, uma feira muito antiga em Viseu, e às romarias que faziam por cá: à Senhora das Precês e à Senhora das Necessidades. O meu pai ia ao Sardal comprar colheres de pau. O senhor Zé Francisco é que lhas fornecia. Comprava também fusos e foices de ceifar a erva. Levava o seu cesto, ia fazer aquelas feiras e vendia tudo. Mas a pé, iam a pé!

Também se empregava muito na agricultura, mas na aldeia o meu pai era pedreiro. Fazia paredes e, ajudado, fez os muros da estrada. Aqueles muros que há na estrada para quem vai do Monte Frio para a Portela da Cerdeira e para Côja. Fui muita vez aí levar-lhe o jantar. O jantar, antigamente, era ao meio-dia. Nós, os miúdos que ainda não eram adultos para trabalhar nos campos, já se vê, íamos levar o cestito do jantar aos trabalhadores da aldeia, que lá andavam. Eu ia levar todos os dias o jantar ao meu pai, onde ele andasse a fazer umas paredes. O mais longe que trabalhou foi a chegar para cima da Cerdeira, no muro da estrada. Naquele tempo, ainda não havia estrada para o Monte Frio - a estrada veio a seguir para a aldeia e depois seguiu para o Porto da Balsa - e nós íamos por caminhos.

### **"As histórias do meu pai"**

O meu pai sabia muitas histórias. Tantas, tantas! Toda a gente gostava de o ouvir. Ainda hoje são contadas as histórias dele.

Uma vez, andava um fogo muito grande naquele arrabalde da Fonte Raiz. Ele vinha de uma fazenda que nós tínhamos do outro lado da Moura. Chegou e sentou-se. Estava ali muita gente a ver, uns a acartarem a água, mas os outros a ver. E diz ele:

- "Esta gente anda toda maluca! Com um calor como está e acenderem umas fogueiras destas!"

Um dia, ele ia para a missa, para a capela. O padre, como sabia que ele era muito religioso, disse assim:

- "Ó, tio Alfredo, tem que comprar a bula."

Uma bula era uns papéis que se compravam antigamente para se poder comer carne na Quaresma. Tínhamos que ter aqueles papéis. Ele vira-se para o senhor prior e diz assim:

- "Ó, senhor prior, então eu ainda lá tenho a do ano passado e ela está nova."

Muito giro que era o meu pai!

A minha mãe era doméstica. Trabalhava na fazenda, no cultivo das terras. Mas ainda andou no minério nas Minas da Panasqueira.

### ***Casa "As paredes da casa foram feitas pelo meu pai"***

A casa da minha infância é onde vivo agora. Foi o meu pai que a fez. As paredes da casa, umas paredes largas, foram feitas pelo meu pai, de pedreiro. Só os carpinteiros é que os teve que meter para fazerem o telhado. Fê-la no mesmo tamanho que está agora. Nessa altura, as padieiras não eram em cimento, eram em madeira. Mas de pedra foi ele que a fez. Iam aos matos minar a pedra e tirar. É a pedra que agora chamam xisto. Depois, a minha mãe, que era uma pessoa com muita força, uma mulher com vontade de trabalhar, ia acartá-la. Era a minha mãe a acartar pedra e ele a fazer. Só das varandas para cima é que depois mandáramos reconstruir.

Tinha as lojas, uma para o gado e outra para o porco. Tinha o andar com três quartos, uma cozinha e uma sala. E tinha um sótão alto, com uma janela, onde nós púnhamos as batatas e fazíamos as arrecadações. Casa de banho, não havia nesse tempo! Fazíamos nos quintais, conforme calhava. Ou então tínhamos fora da casa uma estrumeira. Ninguém tinha casa de banho.

### ***Infância "Havia muita criança na aldeia"***

O ambiente em minha casa era bom. Todos os dias se rezava o terço à noite. O meu pai era muito religioso. Muito amigo de ler. Ele lia, lia, lia... Morreu com 86 anos e lia sem óculos! Era muito amigos dos filhos. Às vezes, bebia assim a sua pinguita e a minha mãe não gostava. Mas, se a minha mãe ralhava comigo, por eu estar com as colegas, com as raparigas e demorar-me assim mais um pouco, o meu pai dizia:

- "Cala-te! Que ela vê mais a dormir que tu vês acordada!"

Na infância, antes de ir para a escola, nós éramos tantas miúdas, tanta criança. E o que é que a gente fazia? Brincávamos umas com as outras. Fazíamos cartas de papéis e jogávamos as cartas. Os números eram feitos em papéis ou, outras vezes, em pedras. Lembro-me que havia um jogo que a gente chamava os três berros. Gritávamos, as crianças escondiam-se e, depois, íamos à procura delas. Também jogávamos à macaca. Fazíamos um boneco no caminho, com umas divisões. Depois, com uma perna no chão e outra no ar, sem a deixar cair, atirava-se para aquela figura, para os quadrados, para ganharmos. Agora acho que já não se faz, mas eu ainda joguei à macaca. É bastante antiga. Era assim



as brincadeirinhas. Havia muita criança na aldeia e nós éramos todas amigas. Tudo muito amigo.



**José Nunes Henriques, com 42 anos,  
irmão de Silvéria Nunes Anjos (Lisboa)**

Eu ainda não tinha a idade de sair da escola, mas já ajudava a minha mãe a guardar as cabritas e as ovelhas, a ir à lenha para a fogueira, que não havia fogões, e a ir ao mato para os animais. Conforme as forças, fazia tudo: semear batatas, milho, feijão e pouco mais. Agora é que está tudo relva, mas antigamente era tudo cultivado. Tinha de ir para as fazendas e para os montes com o gado. Nunca vi nenhum lobo, mas havia! Vi espantarem-se as cabras, começarem a bater a sapateta e fugirem, porque os viam. Isso vi! Dava-lhes o cheiro e tinham medo. Depois, vínhamos embora, porque elas vinham à frente de nós e só paravam na povoação.

### **Educação "*Não podia haver tanto aluno na escola*"**

Andei na escola três anitos. Entrei aos 7. Estudámos aqui na aldeia. A escola era no largo. Era uma casa de habitação grande, bem construída. Depois vieram

os bancos e as secretariazinhas para a gente escrever. Mas éramos dois e três num banco, a apertar uns aos outros. E, às vezes, na "machonice", a brincar, já se vê. Naquele tempo, só podia haver 32 alunos, ou o que era, numa sala. Mas nós éramos tantos mais. Às vezes, vinha cá o director da Educação. Mas lá havia alguém amigo, que avisava a professora. Ao lado, por cima das casas da rua, havia um pinhal que ainda hoje lá está. Então, íamos para lá até ele dar a revista. Dez ou 12 ou aqueles que estivessem a mais. Naquele dia, levávamos os trabalhitos para o pinhal e depois é que íamos para a escola. Não podia haver tanto aluno na escola. Mas, pronto, era uma família.

Lembro-me muito bem das professoras. A primeira, a dona Sofia, foi uma professora muito falada no concelho. Depois, a dona Branca é que me levou a exame. Castigavam-nos com uma régua nas mãos. Quando foi da primeira, da dona Sofia, ela ensinou aqui alunos que, se fosse preciso, já se viravam a ela. Havia um tio meu e rapazes já adultos sem saberem ler, mas ela já lhes tinha respeito. Já não fazia o que queria com eles. Depois, fizeram o exame da quarta classe.

### **"Fazia cartas para as velhotas que traziam os filhos em Lisboa"**

O que eu gostava mais na escola era as letras. Hoje já não posso, mas eu lia, lia... Gosto muito de ler. Desde a escola que comecei a ler. As outras não queriam, mas eu fui sempre um bocadito boca aberta para fazer favores. Gosto de acudir a toda a gente, quase desde miúda. Então, fazia cartas para as velhotas que traziam os filhos em Lisboa. Andavam muitas pessoas em Lisboa. Eu tinha domingos de fazer, sei lá, quase uma dúzia de cartas! Uma chamava, outra chamava, e eu, ao domingo, não tinha quase um bocadinho para nada. Já era rapariga crescida e passava o dia a escrever para os filhos destas velhotas. Elas não sabiam ler nem escrever. Eu, pronto, lia-lhes as cartas e ajudava. Isso ajudou-me muito, porque nem todas as letras são iguais e algumas eram ruins de perceber. Muitas cartas, que de lá escreviam, davam a ler a outras pessoas. Mas chamavam-me para ler. Eu gostava muito de ler.

### **"A professora no burrito e nós a pé atrás dela"**

*Fiz o exame da terceira classe na Benfeita. Também foi engraçado. Só fui eu e mais uma rapariga da minha idade, a Maria. Só fomos duas aquele ano. Rapazes, é que foram muitos fazer o exame da quarta classe. E, então, foi a minha mãe e o avô dessa rapariga a acompanhar a gente. Arranjou-se uma merenda num cabaz, desses cabazes que havia encarnados, e ainda há, que se*

*levavam às romarias. Era uma merenda boa, já se vê, para comermos na Mata da Margaraça quando viéssemos da Benfeita. Para lá, levámos um burrito à mão, o tal burrito que o meu avô, Manuel Henriques, ainda tinha e emprestou. Fui lá fazer o examezito. Ficámos bem e regressámos. Ia eu, a minha mãe, o avô dessa colega, a Maria, e a professora. Fôramos a pé por a estrada da Margaraça. Já havia uma estradita de carros de bois, porque vinham ao Monte Frio buscar a azeitona para os lagares da Benfeita. A professora ia no burrito e nós a pé atrás dela. Depois, chegámos à Mata da Margaraça, estendeu-se ali uma mesinha no chão, uma toalha para a senhora professora e comêramos. A minha mãe era uma pessoa muito habilidosa para fazer assim as suas coisinhas. Levámos um bom lanche e um bom bolo. Comermos ali e viermos. Ao regresso, é que foi mau, porque o raça do burro ia-se muito abaixo. À frente de uma casa grande, onde havia uma calçadita, a professora caiu do burrito e ainda se feriu! Mas ainda bem que foi só à vinda que se aleijou. Que viesse a pé como nós vínhamos também!*

A professora, depois, não me queria deixar sair. Queria que eu fizesse a quarta classe. Mas a minha mãe precisava muito de mim para guardar o gado.

## **Religião "Descalços até à Benfeita"**

Andei na catequese na Benfeita. Sem aprendermos a doutrina toda não fazíamos a Comunhão Solene. No fim de dois ou três anos de estarmos preparados é que a fazíamos. Era na festa na Benfeita, a Festa do Santíssimo, que é muito bonita. A catequista era uma professora da Benfeita. Dava escola e tinha, à tarde, aquele bocado para nos ensinar. Havia lá pessoas também que já estavam habituadas a fazer aquilo. Sendo uma freguesia, uma igreja boa, fazíamos lá a catequese.

A malta, rapazes e raparigas, ia por esses caminhos abaixo a pé. Dois dias por semana. Não íamos por a mata, íamos por estes caminhos mais perto. Para a catequese íamos com o calçadito, umas alpercatitas ou uns chinelos, porque entrávamos na igreja. Outras vezes, íamos descalços até à Benfeita e só à entrada da aldeia é que nos calçávamos. Mas para a missa, que também lá íamos muita vez à missa, levávamos as meias e os sapatos num saquito e íamos só nuns chinelos de trapo ou num calçadito que a gente por aí trazia. Só muito perto lá da aldeia é que tirávamos o que levávamos, calçávamos as meias e os sapatos, púnhamos o xailinho de merino e o véu preto na cabeça. Depois tornávamos a dobrar tudo muito bem dobradinho para o saco e a calçar os chinelitos velhos,

que ficavam lá guardados. Ninguém os roubava. Era tudo muito sorridente! É verdade.

Era raro comermos pão de trigo. Só por a Páscoa, porque as nossas madrinhas nos davam o folar. Íamos buscar o pão e, então, era sempre pão de trigo. E também quando nos íamos confessar na Quaresma. Quando íamos comungar, íamos em jejum. Depois, as nossas mães davam-nos um dinheirito e comprávamos e comíamos lá aquele pão. Que bem que nos sabia! Já andámos fartos de broa de milho.

Não íamos à missa todos os domingos. Às vezes falhavam. Também havia missa na Moura, era mais perto e, então, íamos lá. Mas no Monte Frio não havia. Já depois de eu não estar na aldeia, houve um tempo em que se fazia a missa. Mas também acabou depressa. Hoje não há, porque isto está quase deserto no Inverno.

### **Namoro "*Não havia muitos peditórios de namoro*"**

Eu morava na aldeia e o meu marido morava numa casa, em baixo, mesmo de frente. Somos primos. As nossas mães eram primas direitas e era tudo uma família! Ele tem mais três anos do que eu.

Começámos a namorar no baile, porque todos os domingos, a distração das raparigas e rapazes era o baile. Quando estava bom, era no largo, onde estão umas casas grandes que eram de uns tios meus. Quando estava a chover, era nas lojas que as pessoas tinham desocupadas ou numa casa. E era no baile que a gente começava a dançar os namorados, uns com os outros.

O meu marido era um bocadito trapalhão, não pediu o namoro. Não havia muitos peditórios de namoro, não! Um dia, estávamos em casa a jantar ou a almoçar - o jantar era o almoço - e ele disse que nos íamos casar. Então o meu pai, que tinha as suas coisas de muito religioso e de saber falar as suas coisitas, disse-lhe assim:

- "Então, vocês vão-se casar? Mas tu algum dia me pediste a minha filha?"

Disse assim com aquelas paródias dele! O meu marido nem disse nada. Era assim, não havia lá peditórios!



**Alfredo Cruz, marido de Silvéria Nunes  
Anjos, com cerca de 35 anos (Lisboa)**

### **Casamento "*Fui de branco e merecido*"**

O dia do casamento foi uma festa muito grande, que eu tinha muita família. Da parte do meu pai eram sete irmãos e da parte da minha mãe eram 11. Só família, aquilo era muita gente.

Fui de branco, com um veuzinho e um sapatinho branco. Fui de branco e merecido! Uma costureira da aldeia, que fazia as blusitas, as saias e os aventais, fazia também os vestidos para as noivas, como um vestido vulgar. Mas fui arranjadinha, com certeza! O meu marido ia com um fatinho preto, pois naquele tempo os noivos iam todos de preto, uma camisa branca e uma gravata bonita.



### **Sogros de Silvéria Nunes Anjos (Monte Frio, 1960)**

Fomos à capela do Monte Frio e depois a festa foi em casa dos meus sogros. A minha mãe, a minha sogra e as minhas tias fizeram a comida. Matava-se duas, três ovelhas ou cabras e faziam um arroz-doce, uma tigelada, uma carne... Tudo nos fornos de lenha! Aquilo cheirava... Algum dia agora se faz uma chanfana como dantes se fazia? Não, não! Nem sabe a chanfana como era dantes! Não havia pai para cozinheiras naquele tempo. Depois houve baile e fados. Foi um casamento bonito.

Quando casámos, não havia trabalho no Monte Frio. As minas tinham acabado e ele regressou a Lisboa. Já lá tinha estado quase desde miúdo. Só veio quando foi para a tropa. Já no fim de casados, ainda chegou a ir outra vez para as manobras. Mas depois acabou a guerra e foi para Lisboa, para uma frutaria de umas pessoas amigas. Ele ganhava pouco e eu estava a pensar que ficava cá, mas não havia hipótese. Depois, então, mandou-me ir. Um num lado e o outro noutro não fazia sentido e foi esse o nosso previsto. Casámos em Agosto e depois, em Fevereiro, fui para Lisboa também. Nessa altura, o meu marido ganhava muito pouco e pagávamos 150 escudos de um quarto. Foi no tempo da guerra. As coisas estavam muito caras e 150 escudos já era muito dinheiro.

## **Descendência "*Tive a minha filha em casa*"**



**Otília Maria Guerreiro, filha de Silvéria  
Nunes Anjos, com cerca de 11 anos (Lisboa)**

Foi em Lisboa que nasceu a minha filha. Chama-se Otília Maria Nunes Guerreiro Cruz. Tive-a em casa. Antes tive um menino, na Alfredo da Costa, mas morreu-me com 20 dias. Morreu com uma broncopneumonia um menino que nasceu quase com 5 quilos... Foi um desgosto muito grande. Nós dissermos que nunca mais íamos para a Alfredo da Costa. Depois o meu marido tinha uma enfermeira muito amiga, que nos conhecia muito bem, e acompanhou-me sempre. Ela até queria que eu tivesse o parto em casa dela. Tinha quartos onde recebia clientes. Disse a parteira ao meu marido:

- "Alfredinho" - até chamava o meu marido por Alfredinho - "a tua mulher não vai para a maternidade! Vai para minha casa! Não pagas nada!"

Depois, optei por ter em casa, porque tinha-a ali perto e assistente. Tive a minha filha em casa e correu bem, graças a Deus. Nasceu na Rua Marquês de

Fronteira. Às vezes, até lhe perguntavam onde é que nasceu e ela, por graça, dizia:

- "Nasci no 115!"
- "Mas no 115!?"
- "Ai, isso é que nasci no 115... na Marquês de Fronteira!"

## **Percurso profissional *Da Barroca Grande à Avenida de Roma***

### **"Sempre a mirar a ver se havia alguma pedrinha de minério"**

Tinha 17 anos quando fui para o minério, nas Minas da Panasqueira. Trabalhei lá dois anos e a minha mãe ainda lá andou antes. É uma história muito engraçada, porque o meu marido também andava lá no minério, nos Cortes da Barroca Grande. Mas minha mãe não me deixou ir primeiro, porque ele andava lá. Quando veio para a tropa, é que ela me deixou ir para o pé de umas tias minhas e de muitas mulheres da aldeia que andavam naquele negociozito do minério.

Naquela altura, andavam os mineiros dentro das minas. Bem, não eram mineiros de profissão, mas aprendiam, minavam e andavam a encher a pedra. Cada mina tinha o seu patrão e eles escolhiam o minério para umas sacas, para os patrões. Depois o cascalho, a terra que já não tinha nada, traziam para fora e deitavam para as entulheiras. Da Barroca Grande furavam as serras para o outro lado e, então, subiam com os carros cheios de terra e de cascalho e vinham despejar fora. Estava tudo carregado. Então nós, muita mulher, muita rapariga, é que aproveitávamos aquela terra para umas cestas. Andávamos sempre a mirar a ver se havia alguma pedrinha de minério, nem que fosse pequenina. Era aos grupos. Juntávamos seis e sete colegas aos grupos. Umas acartavam, outras lavavam e outras estavam com uma fogueira acesa a lavarem o minério numas baciinhas com água. O minério, como era pesado, assentava no fundo do alguidarzito de alumínio e era seco em cima de uma rede. Então, juntava-se e todos os dias se ia levar. Conforme a gente ajuntava uma mechinha, passávamos pela casa da guarda e íamos lá pôr numa saca. Cada saca tinha o nome do seu grupo. Depois, no fim da semana, no fim do mês, vendia-se e dividia-se o dinheiro pelos outros e por nós todas.



## **"Seguia para as ruas a vender com os pregões"**

Fui a Lisboa fazer os meus 20 anos. Fui na condição de ir vender fruta. Naquele tempo, empregava-se muita gente do Monte Frio e de toda a freguesia da Benfeita na venda da rua. Chamava-lhe a gente a venda da rua. Ia-se comprar a fruta à Praça da Ribeira e cada um seguia para as ruas a vender com os pregões. Agora não tenho voz, mas o que a gente levava no cesto é que tinha que apregoar. Era assim os pregões da laranja, da pêra madura, do figo, da ginja, da cereja... E depois era subir escadas e descer. Ainda andei assim bastante tempo a vender fruta. Com 20, 21, até aos 22 anos.

## **"Só viemos à aldeia no fim de dois anos"**

Nessa altura, os maridos estavam todos em Lisboa. Só as mulheres e os filhos miúdos é que ficavam na aldeia. Do resto, os rapazes, os homens novos iam para lá. Assim que faziam a tropa, e até antes, iam e empregavam-se. Quase tudo em garagens. Era tudo lavadores de carros e empregados em garagens. E como lá era a terra dos táxis, empregavam-se em táxis próprios. Ainda hoje há, mas havia pessoas que tinham dois e três táxis. Lisboa era uma terra industrial e já viviam bem. No fim de se casarem, ou as mulheres já iam com eles ou eles arranjavam lá um quarto, uma casa e as mulheres iam lá ter. Lá construíam a vida.

Adaptei-me bem a Lisboa. Mas só viemos à aldeia no fim de dois anos. Quem está agora em Lisboa vem ao Monte Frio, sei lá, se for preciso todos os meses. Mas, naquela altura, era de ano a ano e era aqueles que ganhavam melhorzinho. Nós tivermos dois anos que não pudermos vir. Não havia dinheiro. Mas depois demos em vir todos os anos em Agosto, quando é a festa da aldeia.

## **"Não sabia como havia de ir para casa"**

*Eu não conhecia nada de Lisboa. Fui o primeiro dia com o meu marido. Ele já conhecia, porque já tinha andado a vender fruta, quando havia falta de trabalho. Foi comprar-me um cesto muito grande e um cabaz de fruta, de laranjas, e disse:*

*- "Vais começar a vender no bairro onde eu trabalho. Lá é que tu vais começar a vender, porque é gente muito rica e há poucos estabelecimentos. Eu conheço já lá bastantes pessoas e levo-te a casa. Bato à porta e digo que és minha mulher. E vais lá começar a vender!"*

*Era o Bairro da Penitenciária, onde ele estava empregado numa garagem. De maneira que fui o primeiro dia. Eu, com o cesto, e ele a subirmos escadas e a*

*descer. Vendermos até depressa o cesto das laranjas e acabarmos lá no Bairro da Penitenciária. Ele conhecia aquilo tudo muito bem e viemos para casa. Nós vivíamos na Baixa, na Calçada do Lavra. Ao outro dia fui sozinha. Eu via muita gente da freguesia que vendia na Praça da Figueira, que era pertinho de onde eu morava. O meu marido disse:*

*- "Olha, agora vais por esta rua que encontras logo gente que vai para a praça. Depois vais pela Rua do Alecrim acima, direita ao Largo do Rato, Rua Artilharia 1 e começas ali assim a vender."*

*Tudo muito bem. Mas eu, aquele dia, não acabei de vender lá e fui por a Rua Marquês da Fronteira abaixo até ao Bairro Azul. Acabei lá a fruta, mas depois fiquei a ver navios. Não sabia como havia de ir para casa. O que é que me lembrou? Havia o eléctrico que vinha de Sete Rios e ia para a Baixa:*

*- Ah, vou atrás do eléctrico.*

*Isto parece de uma parvinha, mas eu não era parva. Fui atrás do eléctrico, cheguei à Baixa e vi a Rua das Pretas. Era lá que eu vinha, naqueles dois dias ou três que estava em Lisboa, aviar-me a um lugar de frutas e batatas. Pensei:*

*- Ah, já sei onde é!*

*Vejo o Largo da Anunciada. O Elevador do Lavra vinha ter mesmo ao Largo da Anunciada.*

*- Pronto, já estou safe!*

*Mas uma vez, ainda acabei a venda mais longe! Andei, andei, andei e fui ter ao Campo de Santana. O Elevador do Lavra, que era onde eu morava, vinha até ao Campo de Santana, mas eu não socorri que era ali a rua. Fui por a Calçada de Santana abaixo e fui ter à Baixa. Ali, na Baixa, já era um bocadito atrapalhada. Mas vim para trás e disse:*

*- Ah, aqui é a Praça da Figueira!*

*O meu marido trabalhava na Rua Eugénio dos Santos, que começava ali:*

*- Ah, é para cima!*

*Pronto! Quando ele me viu a vir de baixo para cima, disse:*

*- "Então, de onde é que tu vens?"*

*Digo assim:*

*- Então, olha, perdi-me. Em lugar de vir por aqui, fui por ali. Mas, pronto, já cá estou.*

*Éramos raparigas novas. Tudo nos desenrascava. É giro.*

## **Porteira na Rua Marquês de Fronteira**

Depois fui para porteira. O meu marido tinha uns senhores muito amigos na garagem, que eram construtores. Então ele pediu a esse senhor construtor e, assim que a casa estava pronta, fui para porteira. Era no 115 da Rua Marquês de Fronteira, mesmo em frente da penitenciária. Eles também viviam lá no prédio ao nosso lado e até foram padrinhos da minha filha.



**Otília Maria Guerreiro, filha de Silvéria  
Nunes Anjos, com cerca de 16 anos (Lisboa)**

Nessa altura, não se ganhava nada como porteira. Tirávamos os caixotes e tínhamos um tanto que as inquilinas nos davam por cada um. Umas davam tanto, outras davam tanto e iam-nos cativando com alguma coisa também.

## Um mercado na Avenida de Roma

Então, passámos para a Avenida de Roma e tomámos a casa, uma frutaria. O meu marido toda a vida teve coisa do negócio. Gostava muito de ter um negócio. Então, houve um primo meu que nos disse que havia lá uma casa em trespasse. O meu marido foi ver e gostou. Tomámos a casa. A minha mercearia era Mercado de Roma. Dava muito trabalho. Tinha uma capoeira muito grande de criação viva e eu é que tinha que matar, depenar e partir para o balcão. Vendíamos frutas, hortaliças, vinho... Vendíamos de tudo! Agora diz-se os minimercados, mas naquele tempo não era. Era uma casa muito bem afreguesada e a gente também tinha muita simpatia para os fregueses. O meu marido nisso era uma pessoa muito asseada, muito jeitosa.



**Casa Comercial "Mercado de Roma",  
de Silvéria Nunes Anjos (Lisboa, 1974)**

Fôramos nós que começámos a vender pinheiros em Lisboa para as árvores de Natal. Nessa altura, éramos os únicos. Tínhamos um terreno muito grande em frente da casa, onde hoje está um grande prédio. O senhor construtor era muito nosso amigo e dava-nos ordem para lá pôr os pinheiros. No Natal, vendíamos duas, três camionetas deles. O meu marido estava na venda dos pinheiros e na venda da casa até tarde. Às vezes, ficava lá a guardar, porque, já se vê, roubavam. Tínhamos clientes que estacionavam ali o carro à porta e, como o senhor Alfredo

era tudo para eles, davam-lhe ordem de dormir dentro de um carro e vigiar os pinheiros.

Era costume fazerem-se fiados aos fregueses e houve ainda bastantes problemas. Os fiados maiores ainda não eram naquela gente mais pobre. Eram pessoas que até tinham criada e diziam: "no fim da semana pagamos". Mas, às vezes, não deixavam dinheiro à criada e... Pronto, havia de tudo. Mas tudo se superou. Tudo mais ou menos corria benzinho.

Agora, por último, acabarmos com a criação, porque o meu marido teve uma alergia à pena do frango. O relatório até foi escrito para o estrangeiro, porque não havia médicos que lhe descobrissem de onde é que vinha a alergia. Depois, foi descoberta no Hospital de Santa Maria pelo doutor Palma Carlos. Tratou-o e foi operado. Hoje o meu marido, se deixar cair os óculos, não vê nada. Mas com os óculos, graças a Deus, ficou a ver muito bem. Então, tivermos que acabar com a criação viva e pusemos um balcão frigorífico. Vendíamos a criação que o nosso fornecedor nos levava de Pernes já arranjada.

Por fim, vendíamos já muito para turismo. O que me deixou mais pena ainda foi o turismo. Tinha havido o 25 de Abril e bem falta me fez. Naquele tempo é que eu gostava de lá estar, porque tínhamos ali dois hotéis mesmo à beira e muito freguês na casa. Tínhamos o Hotel Roma, que foi feito mesmo arrumado a nós, e o Hotel Lutécia e muita gente amiga. Eles não deixavam a minha casa por nada! Nem por as boas casas. Havia o grupo da Varig, do Brasil, que amávamos como família. Eles diziam:

- "A Casa das Botelhas não deixamos por nada!"

Eles compravam os vinhos, compravam as frutas para levar e, então, era umas amizades! Quando os turistas chegavam, diziam logo:

- "Senhor Alfredo, vai fazer um descontozinho e todo o mundo vai comprar aqui!"

Então, iam ao hotel e traziam o grupo. Às vezes vendia ali duas ou três caixas de vinho Mateus Rosé ou de outras marcas.

## **Brasileiros**

*Uma vez, um da Varig disse-me assim:*

*- "Olhe, eu quero Porto Ramos Pinto!" - que tinha assim na montra - "Mas vai um Ramos Pinto, dois Ramos Pinto e três Ramos Pinto!" - que eram as três marcas - "Um Pinto é para pôr na mesa e beber. Dois Pintos é para pôr na mesa só para visitas. Mas os três Pintos é para pôr na mesa e não abrir!"*

*Tinham coisas muito engraçadas, os brasileiros. Eu, um dia, estava a fazer uma conta de duas garrafas de uma aguardente, que havia em louça, e estava-me a enganar. Ele era assim para mim:*

*- "A senhora está melhorando, está fazendo bem..."*

*Noutra vez, eu tinha mais de quatro ou cinco caixas de cereja, no passeio, na "mostração". Então, uma senhora brasileira comeu uma daqui, comeu outra dali... e provou-as todas. Eles eram muito amigos de cerejas. No fim, diz-me ela assim:*

*- "Parece que eu vou levar 100 gramas de cerejas."*

*E o meu marido diz:*

*- "A senhora já comeu mais de 100 gramas! Então, agora como é que fazemos isto?" - e ela riu-se - "Não é nada, minha senhora, não é nada..."*

Mas, enfim, teve que ser. Tivemos que deixar a mercearia e viemos mesmo para o Monte Frio. Fui para Lisboa com 20 anos e voltei com 52. Voltei muito nova, derivado à doença.



**Silvéria Nunes e Alfredo Cruz na sua loja em Lisboa  
(foto tirada por um cliente americano, em 1974)**

## **Lugar "*Era assim no nosso tempo*"**

Quando regressei a aldeia era diferente. As casas até são as mesmas que cá havia, pouco mais adiantaram, mas o que é está tudo modificado! Restauraram tudo, há muitas casas restauradas.

No meu tempo, não havia luz. Para iluminar a casa era uma candeia de azeite e um candeeiro de petróleo, desses de chaminé. Era assim, com aquelas luzinhas, que a gente fazia os serõezinhos à noite. Quando éramos raparigas estávamos a fazer as nossas rendinhas e as velhotas a jogarem as cartas. Quando foi muita gente para as Minas da Panasqueira, às vezes, lá compravam ou traziam um gasómetro a pedra, a carbureto. Esses já davam bom lume. Mas só quem lá andava é que tinha a possibilidade de ter um. Também não havia água em casa. Tínhamos a Fonte da Barroca, que ainda hoje lá está. Não tem torneira, mas deita um cano de água corrente para quem quiser. Íamos com uns cântaros de barro. Às vezes, no Verão, estávamos ali na bicha um quarto de hora ou meia hora à espera da nossa vez.

Antigamente nós vivíamos da agricultura. Quem tinha mais fazendas trazia raparigas a dias. Trabalhava-se um dia ou dois por semana, ou quando precisassem, e ganhava-se aquele dinheirito. Havia muita gente que até já tinha criados. Outros tinham uma junta de bois ou tinham machos para irem buscar o carvão à serra. Era assim no nosso tempo.

Não sei quando foi fundada a Comissão de Melhoramentos de Monte Frio. Eu não estou assim muito dentro dessas coisas. Mas o meu marido tem o número 8 da Comissão e tem 85 anos. Foram os da Comissão que arranjaram as ruas, arranjaram as fontes e têm feito muitas coisas que não havia na aldeia. Se não fossem eles, tínhamos que esperar mais. Embora, às vezes, venha uma verba da Câmara ou da Junta, também dão da Comissão e ajudam. A Comissão de Melhoramentos, juntamente com a Junta de Freguesia e com a Câmara de Arganil, fazem força.

## **"O maior médico das aldeias"**

O nosso médico maior era um senhor da Benfeita, o senhor José Augusto. Era um bom médico. Ele nem tinha curso. Talvez tivesse a quarta classe ou nem isso, mas corria as serras todas. A gente tinha uma dor de barriga, um panarício num dedo ou uma ferida e ele atinava com as doenças. Dava com as coisas. Chegava, ia logo buscar uma toalha, encharcava-a em água fria e punha-nos em cima da barriga. Quando havia um tratamento a fazer, chamavam-no e ele vinha

tratar. Noutras vezes, as pessoas já iam à Benfeita. Era um grande médico! O maior médico das aldeias!

Em Côja também havia médicos. Era o doutor Adolfo, o doutor Baptista... Chamavam-nos e vinham a cavalo ver a gente. Mas também havia muitas ervas e tínhamos muitos chás caseiros. Naquele tempo, as crianças eram muito atacadas das lombrigas. As nossas mães, ou eu ou outra pessoa, iam, pisavam um bocado de hortelã bem pisada e atavam-no à cabeça com um pano. Depois esfregavam-nos os pulsos com o ramo da hortelã, com aquelas coisas, e dava resultado! Um chá que nos davam muito era o chá da flor de sabugueiro. Era um grande chá para as constipações.

## ***Costumes Tradições do Monte Frio***

### **"Dançar até às tantas da noite"**

A minha festa era uma festa boa! De manhã, às oito horas, vinha a música. Íamos lá em cima, ao Outeiro, levar uma bandeja com sandes e bolos para os músicos comerem. Seguiam para a capela dizer a missa e, então, vinha a procissão dar a volta à rua. Depois, era a hora do almoço e de tarde era farra! No tempo da minha filha, já faziam jogos: o jogo da malha, o chinquillo e a sueca. Mas isso foi no tempo dela. No meu tempo, que eu também fui mordoma, ainda não havia jogos. Era só comer e dançar até às tantas da noite! Íamos daqui até sei lá onde atrás da música. Agora, já ninguém quer, mas dantes dançava-se descalça, dançava-se calçada, dançava-se a toda a hora e a todo o instante! Mal a gente ouvia uma guitarrita, já não nos doía o pipo a dançar. A música tocava até às tantas da noite! Havia uns conjuntos e, naquele tempo, dávamos de comer a um músico ou a dois. Até a minha filha, quando foi mordoma, acolheu alguns cinco músicos pretos, que o meu genro fez questão de trazer. Comeram em minha casa. Eu gostava muito de dançar! Dançava com o meu marido mas, às vezes, também dava um pezinho assim fora. Eu dançava bem, mas ele dançava mal. Era muito pesado! Dançava-se com todos! Com raparigas, com rapazes, não havia problema.

### **A fogueira de Natal**

No Natal, fazia-se aqui no largo uma grande fogueira de cepos. Punham-se ali duas ou três painéis, daquelas de ferro em que se cozinhava as hortaliças e as



batatas para os porcos, e davam uma volta à povoação. Toda a gente dava uma chouriça, um bocado de carne, arranjava-se as batatas, ia-se às couves brancas - algumas vezes roubadas, outras vezes dadas - e tudo ia para dentro daquela panela. À meia-noite, toda a gente comia. E então, o boneco da terra era o meu pai. Enquanto ele não chegasse não se cantava o Menino Jesus, porque ele é que sabia cantar as canções como elas eram. Então, comia-se e dançava-se. Era muito divertido! Até era muito mais que agora, não é nada que se pareça. Era um Natal bonito!

## **Do Carnaval à matança do porco**

No Carnaval, havia as tradições de se vestirem. Uma rapariga vestia-se de rapaz, um rapaz vestia-se de rapariga, assim umas coisas muito toscas. Também se matava um cabrito.

Durante as colheitas, havia as descamisadas, tirar a folha à espiga do milho. Juntávamo-nos à noite para ajudar. Um dia era para uns, outro dia era para outros. Quando qualquer pessoa encontrava um milho-rei, que é o milho preto, era uma alegria! Se fosse um rapaz, tinha ordem de abraçar as raparigas!

Também se fazia as matanças do porco. No dia da matança, chamava-se três homens, com o matador, quatro. Depois, dava-se o almoço aos homens. Um almoço bom com torresmos e outras coisas mais. À noite, nós, as mulheres, desmanchávamos o porco, lavavam-se as tripas e temperavam-se as carnes. Faziam-se as farinheiras, as morcelas, o chouriço de carne... Tudo ia para o fumeiro. Para dar para o ano todo, púnhamos no azeite. O lombo de porco, para não se comer assim à desgarrada, cortava-se às postas e punha-se numa panela com o azeite. Quando se queria uma postinha de lombo, ia-se buscar à panela e arranjava-se com uma batatinha frita e com uns ovos.

Também havia a sardinha, que se ia buscar aos mercados, a Côja e a Avô, a pé. E, pronto, vivia-se assim. Uns melhor, outros pior.

## **Pratos Típicos**

Tínhamos também doces. Agora já se faz outras coisas mas, naquela altura, era o arroz-doce, a tigelada, os "coscorões" (que a gente chama coscoréis), o pão-de-ló e pouco mais. Agora, também há coscoréis nas padarias, mas o tradicional é assim: amassa-se a massa, farinha, ovos, sumo de limão, um bocadinho de manteiga e um bocadinho de leite. Amassam-se bem amassados e deixam-se estar a fermentar com o fermento de padeiro. Quando estiverem fermentados, tem-se uma frigideira grande ao lume com óleo. Estende-se muito

bem estendidinho, a gente faz umas bolinhas e põe-se dentro da frigideira. Aquilo sobe e ficam os coscoréis!

Quando coziámos a broa, fazíamos sempre uma esmagada. Servia de uma refeição. A gente picava uma cebola ou duas para uma tigela, picava-lhe um bocadinho de carne e um bocadinho de chouriço e púnhamos um bocadinho de azeite, bem temperada, esmagava-se e ia ao forno. Aquilo era um petisco bom! Depois, a gente assava sempre no forno umas batatas, aquelas batatitas mais miúdas, que se chama agora batata a murro. Quem queria comia. Quem não queria não comia.

### **A história do lobisomem**

Não tenho assim história nenhuma que conte, mas antigamente falavam do lobisomem. Ainda nos assustávamos algumas vezes, porque a gente, de noite, ouvia na estradita por cima da minha casa, um sapateado muito grande, um rumor, sei lá, uma coisa. Ainda houve umas vezes que a gente ouviu assim, parecia que era o vento. Parecia que era uma trovoada. Diziam que o lobisomem era: uma mãe que tivesse sete filhas, sem ter um rapaz, uma daquelas raparigas saía bruxa. Se fosse sete rapazes, o rapaz também saía lobisomem. De mês a mês, ou não sei de quê, aquelas raparigas tinham que sair de casa e correr numa noite não sei quantas freguesias. Tinham que andar aquelas terras todas não sei por que "artimajo" do Diabo. Diziam essas coisas. Uns dizem que era verdade, outros dizem que era mentira. Se é ou não, não sei.

### **Quotidiano "*Fomos sempre um casal muito unido*"**

Hoje o meu dia-a-dia é muito triste. Nós fomos sempre um casal muito unido, andáramos sempre os dois. Em Lisboa foi sempre um ao lado do outro que fizemos a nossa vida e aqui a mesma coisa. Agora, já há anos que não crio, mas tínhamos galinhas, coelhos e criávamos um porquinho ou dois. Tudo naquela coisa agradável que a gente tinha. Hoje não. O meu marido entrevou-se das pernas. Levanta-se, mas tenho que ajudar a vesti-lo. Está bastante doente e também é a idade. Eu sofro muito do reumático, estou cheia de artroses. Este mês, já fui três vezes a Oliveira do Hospital tirar radiografias. Estou à espera da minha filha para irmos ao médico para ver o que eu hei-de fazer. As dores que tenho são horríveis. Aqui há três anos também caí. Parti um braço e nunca ficou bom. Fui operada aos olhos. Também não fiquei bem. Quer dizer, fiquei bem dos olhos, mas já tinha muitas dores de cabeça e mais tenho. Também estou com uma depressão nervosa há muito tempo. Tudo me dá para chorar. A minha filha

telefona-me todos os dias. A minha neta a mesma coisa. Mas tudo me dá para chorar. Estou muito sozinha. As pessoas agora vão mais para a Casa do Povo, mas eu estou em casa muito sozinha e não tenho mesmo vontade de ir. Antes, e ainda o ano passado, fazia muito vinho. O meu genro vinha-me cá sempre ajudar. No ano passado fiz 350 litros com uvas apanhadas por mim nos quintais. Mas este ano já não faço nada. Não posso. Até já disse:

- Quem quiser as uvas dadas, eu dou-as!

Tínhamos uma vidinha boa os dois. Mas agora chegou-se a idade e chegou-se os sofrimentos. E, pronto, cá estamos.



**Silvéria Nunes Anjos com o seu marido Alfredo Cruz e a neta Ana Teresa (Monte Frio, 1981)**

### **Sonhos "*Sonho era a minha neta casada*"**

Agora, não tenho assim grandes sonhos, porque já não os posso realizar. Mas sonho... Sonho era a minha neta casada! Mas já não chego lá... Ainda o outro dia, eu estava mal, e a minha neta apareceu-me em casa sozinha. Esteve cá três dias. Às vezes, quando tem um fim-de-semana, pega no carro e já me tem aparecido sozinha. O patrão dela, que era muito nosso amigo, diz-lhe:

- "Ana, embora, embora! Primeiro estão os doentes! Vai embora, vai embora!"

É um amor para nós!



**Silvéria Nunes Anjos com o marido Alfredo Cruz e a neta Ana Teresa na sua casa (Monte Frio, em 2007)**

### ***Avaliação "É sempre bom saber uma historiazinha"***

Acho bem esta ideia de contar as histórias. Se os mais novos quiserem aprender, é sempre bom saber uma historiazinha! Eu não conto hoje as histórias do meu pai? E amanhã outros podem contar a história que eu contei, os dias que vivermos que a gente se lembra. É um convívio!